

Situação está cada vez pior

A Associação dos Moradores do Paranoá entregou um documento ao governador José Aparecido onde exige: fixação dos habitantes do Paranoá no lugar onde estão, respeitando a vontade e os anseios da comunidade e discutir a melhor maneira de fazê-lo; solução para o problema falta de água que tanto aflige a população, composta de mais de 30 mil habitantes; e o imediato aparelhamento material e humano do posto de saúde, que, embora construído já há mais de seis meses, encontra-se paralisado.

O documento reivindica ainda: solução imediata para o caso dos três barracos derrubados pela polícia e pela Terracap, cujas famílias encontram-se abrigadas sob lonas; construção de escolas-classes no Paranoá, capazes de atender a comunidade estudantil de 1º e 2º graus do ensino regular e supletivo; reconstrução e aparelhamento do posto policial local; complementação da iluminação pública e particular; ampliação do número de ônibus das linhas, que já servem ao Paranoá; instalação de orelhões em número suficiente; venda de telefones a particulares; saneamento através da ampliação da coleta de lixo; e eliminação de erosões ocasionadas por chuvas e esgostos a céu aberto.

CADA VEZ PIOR

Na opinião de Ricardo Pacheco, diretor da Associação, as condições de vida da comunidade do Paranoá estão cada vez mais difíceis. "Quando a gente vai aos órgãos como Ceb, Caesb ou Fundação Educacional, reivindicar assistência, a resposta que temos é a de que não podem tomar nenhuma providência enquanto a área do Paranoá não estiver legalizada", explica.

A Associação tem dois projetos de urbanização para o Paranoá. Um, feito por arquitetos da UnB, e outro pelo Grupo Executivo para Assentamento de Favelas e Invasões (Gepaf), ligado à SVO. Ambos dependem de autorização de José Aparecido para serem implantados.

ANIMAÇÃO

Enquanto esperavam pelo governador, os moradores do Paranoá se manifestavam de várias maneiras em frente ao Buriti. Ora pegavam o megafone para imitar José Aparecido, o secretário da Educação, Pompeu de Sousa, e outras autoridades. Ora gritavam "povo na rua, a luta continua", "moradia", "transporte" e por aí afora.